

OBSERVARE 1st International Conference

16 - 17 - 18 November, 2011

I Congresso Internacional do OBSERVARE

16 - 17 - 18 Novembro, 2011

INTERNATIONAL TRENDS and Portugal's Position



AS TENDÊNCIAS INTERNACIONAIS e a posição de Portugal

Actas

Universidade Autónoma de Lisboa | Fundação Calouste Gulbenkian

<http://observare.ual.pt/conference>

Realidades demográficas no Mediterrâneo – dinâmicas migratórias e cenários prospectivos

Teresa Ferreira Rodrigues
Universidade Nova de Lisboa

Susana de Sousa Ferreira
Universidade Nova de Lisboa

Palavras chave: Mar Mediterrânico, População, Migrações, Equilíbrio Natural, Cenários prospectivos

Esta comunicação toma a realidade do Mediterrâneo como um estudo de caso sobre a relação entre demografia e segurança nacional. Centra-se nos movimentos migratórios mais recentes do Mediterrâneo e sobre a forma como os perfis e tendências migratórias assimétricas podem trazer distintos riscos e oportunidades para cada um dos países envolvidos, assim como para toda a região. Dividindo-se em cinco partes principais, resume os grandes princípios orientadores de cada país, de acordo com os equilíbrios micro demográficos sobre os movimentos migratórios entre 1950 e 2010, assim como os cenários oficiais de previsão médios até 2050. O nosso objectivo é: (a) caracterizar os comportamentos migratórios colectivos dos últimos anos, especialmente entre os países do Norte e do Sul, (b) obter uma visão integrada da realidade actual assente em indicadores demográficos e socioeconómicos, (c) actualizar a informação sobre cenários futuros previstos, com base em previsões publicadas recentemente pelo Departamento de População das Nações Unidas (2011), d) identificar modelos desiguais de evolução futura, em termos de tendências e comportamentos actuais e futuros, recorrendo a cenários de previsão para as próximas décadas, e) sublinhar a importância crucial que os movimentos migratórios assumiram no Mediterrâneo e a forma como essas tendências assimétricas podem representar riscos e oportunidades distintas em cada um dos países considerados e respectivas sub-regiões.

Teresa Ferreira Rodrigues – Doutora em História Contemporânea na Especialidade Demografia (UNL). Professora Associada com Agregação em Ciência Política e Relações Internacionais. Docente do Departamento de Estudos Políticos da FCSH-UNL. Investigador do IPRI-UNL e do CEPESE-UP. Responsável e membro de projectos de âmbito nacional e internacional, autora de centena e meia de artigos e seis livros publicados nas áreas das migrações, mortalidade, envelhecimento, análise prospectiva e planeamento, segurança.

Susana de Sousa Ferreira – Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais, na Especialidade Estudos Europeus pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Doutoranda em Relações Internacionais na Especialidade de Estudos de Segurança e Estratégia pela Universidade Nova de Lisboa. Investigadora do IPRI – Instituto Português de Relações Internacionais.

Demography Matters. Prospective Scenarios for the Mediterranean Countries (1950-2050)

Teresa Ferreira Rodrigues
Susana de Sousa Ferreira

Abstract

This text takes the Mediterranean reality as a case study on the topic of the link between demography and security. It focuses the most recent Mediterranean population trends and the way asymmetric profiles and trends can perform different risks and opportunities for each of the involved countries and the entire region. It is our purpose to: (a) characterize collective demographic behaviours in recent past, particularly different between Northern and Southern countries; (b) get an integrated perspective of current reality, based on demographic and socio-economic indicators; (c) actualize data on future expected scenarios, based in recently published prospective forecasts from the Department on Population from the United Nations (2011); (d) identify unequal models of future evolution, in terms of present and future trends and behaviours, using the forecasting scenarios for the next decades; (e) underline the crucial nature that migratory movements have assumed in Mediterranean and the way those asymmetric trends can perform different risks and opportunities for each of the considered countries and sub regions.

Keywords: Mediterranean, Population, Natural Balance, Migrations, Forecast Scenarios, Security

Resumo

Este texto toma a realidade do Mediterrâneo como estudo de caso, analisando-a na óptica das relações entre demografia e segurança. O enfoque é dado à forma como perfis e tendências demográficas assimétricas podem representar diferentes riscos e oportunidades para cada um dos países envolvidos, bem como para a região como um todo. Procuramos nesta análise: (a) caracterizar o comportamento demográfico das diferentes unidades políticas no passado recente (1950-2010), particularmente distinto entre as margens Norte e Sul; (b) fornecer uma perspectiva integrada da realidade actual, com base em indicadores demográficos e de carácter socioeconómico; (c) sintetizar as principais características dos cenários natural e migratório previstos até 2050, recorrendo às previsões recentemente divulgadas pelo Departamento da População das Nações Unidas; (d) identificar as disparidades nos modelos previstos de evolução futura; (e) destacar a natureza crucial que os movimentos migratórios assumiram no Mediterrâneo e a forma como os seus volumes e tendências apresentam diferentes riscos e oportunidades para cada um dos países considerados e sub-regiões.

Palavras-chave: Mediterrâneo, População, Saldo natural, Migrações, Cenários prospectivos, Segurança

“Demographic change was identified as being among the most predictable of future trends, yet the least studied by political scientists.”

Robert Portman, *American Political Science Association*, 2005

O fenómeno da globalização complexificou a relação entre população, recursos, desenvolvimento e segurança, desde logo porque a realidade demográfica mundial é hoje mais complexa que no passado recente. Nos novos paradigmas do sistema internacional os contingentes populacionais e as suas dinâmicas estão sempre presentes, como um pano de fundo incontornável. Porém a relação entre demografia e os restantes vectores enunciados não é unívoca ou de causalidade, uma vez que um mesmo comportamento demográfico pode ter consequências distintas ou opostas consoante a realidade social e política em que ocorre. Os aspectos demográficos não são igualmente factores que de modo obrigatório e directo configurem riscos de segurança. Embora se reconheça que os desequilíbrios demográficos, em conjunto com as desigualdades de padrões de vida potenciam ameaças e riscos, o facto dessas alterações se inscreverem em tempos longos faz com que a sua importância e interesse para os actores responsáveis pela manutenção, prevenção e mitigação de riscos de segurança nem sempre seja evidenciada (SCIUBBA, 2011) (Figura 1).

Figura 1. O *link* Demografia / Segurança: desafios e oportunidades

1. INDICADOR

- População jovem/aumento do risco de conflito interno
- População jovem/desenvolvimento económico/ reforço no sistema político internacional
- Crescimento desigual de grupos étnicos e religiosos/aumento do risco de conflito interno
- Crescimento urbano e migrações (refugiados) / aumento do risco de conflito interno
- Crescimento urbano e migrações/ melhoria qualidade de vida

2. MULTIPLICADOR

- Pressão demográfica num estado politicamente fraco pode torná-lo um estado falhado
- Pressão demográfica pode favorecer implementação de democracia/redução de probabilidade de conflito

3. RECURSO

- População jovem, produtiva e saudável favorece progresso económico, aumenta força militar e coesão social
- População altamente qualificada imigrante favorece progresso económico, aumenta força militar e coesão social
- População envelhecida potencia condições de insegurança

FONTE: SCIUBBA, 2011

Os Estados banhados pelo Mediterrâneo constituem um caso de estudo particularmente interessante face aos novos (re)equilíbrios de ordem demográfica (RODRIGUES, 2009). Entendemos este factor como um elemento de incontornável importância geopolítica nos equilíbrios actuais, salientando a sua importância como *predictor* de futuro, designadamente em termos de ajustamento de cada um deles às transformações expectáveis nas suas dinâmicas de crescimento próximas (GOLDSTONE, 2009). Falamos de um espaço com uma história própria, mas internamente diverso, atravessado por linhas de fractura cultural, económica e de desenvolvimento. Magrebe, Médio Oriente Balcãs e Europa do Sul constituem sub-regiões onde se colocam desafios e jogam factores de ordem geopolítica únicos, explicados a nível de composição étnica dos residentes, posse de recursos naturais, estabilidade política interna e externa, crime organizado, terrorismo, características do tecido produtivo, envelhecimento e migrações. Essas diferenças podem representar potencialidades, mas também riscos, designadamente de ordem identitária e de segurança.

O *Mare Nostrum*, que ao longo dos séculos “foi jogando o papel ora de fosso separador, ora de ponte de ligação entre as suas margens Norte e Sul” (BARATA, 2003: 420) ganha no início do século XXI valor estratégico na cena mundial, face às novas dinâmicas de redistribuição de poder geográfico, económico e financeiro. Em termos geoestratégicos é o espaço de contacto entre os eixos Norte-Sul e Este-Oeste,

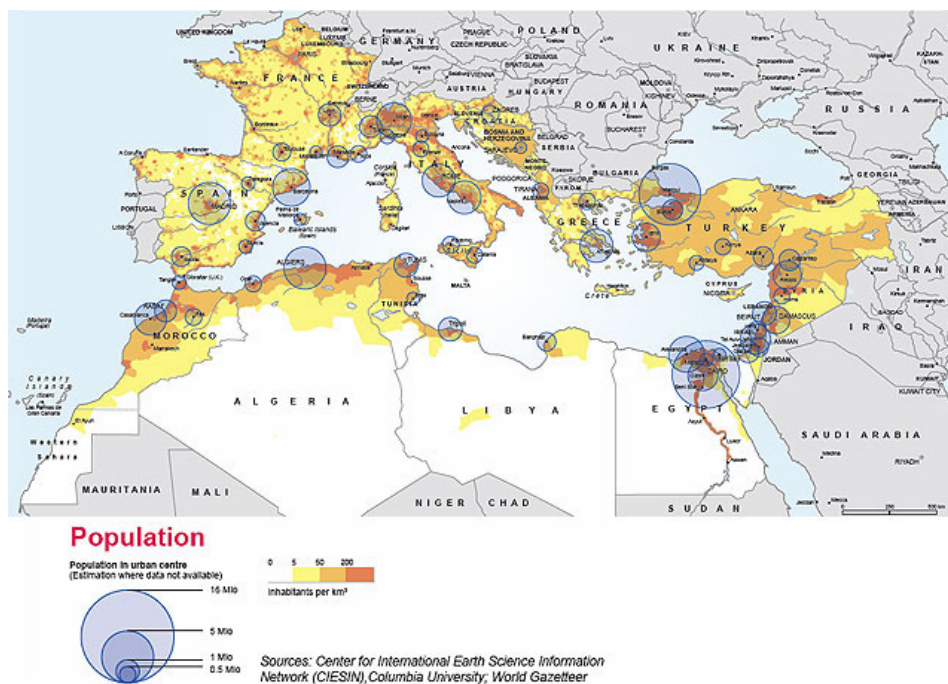
que ligam Europa do Sul, Ásia Ocidental e Norte de África, Atlântico, Índico e Mar Negro, confluência de religiões, rota para parte substantiva do comércio mundial e do tráfego petrolífero (MONTENEGRO, 2006; CORREIA, 2010). Neste ecossistema rico em desigualdades de desenvolvimento e assimetrias demográficas, juntam-se factores de instabilidade intra e internacional, acrescido pela volatilidade dos fluxos migratórios (FARON, GEORGE, 1999:355-356). Este aspecto é sublinhado por Soares Barata, ao defender a existência de dois arcos de crise no que respeita às áreas de segurança em torno dos países da União Europeia: um do Norte até à Turquia, Cáucaso e Ásia Média, outro do Norte de África, ao longo do Mediterrâneo até ao Médio Oriente e sudoeste asiático (2003:420 e segs).

A nossa análise incide nos 21 Estados independentes cujos litorais confluem para o Mediterrâneo (Tabela 1) Retivemos a informação considerada relevante para avaliar o modo como perfis e tendências demográficas assimétricas representam riscos e oportunidades diferenciadas no passado, presente e futuro da região. Para responder a este objectivo geral iremos (a) caracterizar o comportamento demográfico de cada país no passado recente (1950-2010); (b) fornecer uma perspectiva integrada da realidade actual, com base em indicadores demográficos e de carácter socioeconómico; (c) sintetizar as principais características dos cenários natural e migratório previstos até 2050; e (d) discutir o modo como perfis e tendências migratórias assimétricas podem representar diferentes riscos e oportunidades para o futuro do Mediterrâneo na óptica das relações entre dinâmica demográfica e segurança.

Volumes humanos e modelos demográficos

Nos 21 estados considerados, maioritariamente de média e pequena dimensão, residem 466.5 milhões de indivíduos. Os quatro maiores são o Egipto (17%), a Turquia (16%), França e Itália (13%), que em conjunto representam 60% do total. Falamos de entidades com ritmos de crescimento distinto e comportamentos díspares a nível de fecundidade, mortalidade e perfis migratórios (Figura 1).

Figura 1. População residente: assimetrias de volume e distribuição



FONTE: MEDSEC, 2010

Olhar para o Mediterrâneo, sobretudo se o fizermos numa perspectiva ampla de avaliação de sustentabilidade, implica destacar o factor humano e os seus enquadramentos actuais, regionalmente diferenciados. A variedade cultural e religiosa explica os comportamentos demográficos diversificados

que hoje se observam em termos de saldo natural¹, porque nele coexistem: (1) zonas com processos de transição demográfica já terminados, como no caso europeu; (2) países do Magrebe, marcados por fenómenos tardios de transição demográfica, embora rápidos e convergentes (LEAL, 2008: 137); e (3) Estados onde o processo de mudança apenas teve início (Síria, Líbia). Acresce a este facto uma estrutura etária muito jovem, vigente nos dois últimos casos, que contrasta com a realidade europeia envelhecida.

Tabela 1. Identificação da região. Habitantes e níveis de desenvolvimento

Países / Regiões	População milhares	População %	IDH 2010	Índice GINI	PIB p/capita
África do Norte	165376	35,45	-	-	-
Marrocos	31951	6,85	130	40.0	146
Argélia	35468	7,60	96	35.3	105
Tunísia	10481	2,25	94	40.0	112
Líbia	6355	1,36	64	n.d.	79
Egipto	81121	17,39	113	34.4	125
Ásia Ocidental	105913	22,70	-	-	-
Israel	7418	1,59	17	38.6	42
Líbano	4228	0,91	71	n.d.	92
Chipre	1104	0,24	31	29.0	90
Síria	20411	4,37	119	n.d.	139
Turquia	72752	15,59	92	43.6	96
Europa	195254	41,85	-	-	-
Grécia	11359	2,43	29	33.0	39
Albânia	3204	0,69	70	26.7	123
Montenegro	631	0,14	54	30.0	145
Bosnia- Herzegovina	3760	0,81	74	56.2	118
Croácia	4403	0,94	46	29.0	69
Eslovénia	2030	0,44	21	24.0	44
Itália	60551	12,98	24	32.0	38
Malta	417	0,09	36	26.0	50
Mónaco	35	0,01	n.d.	n.d.	40
França	62787	13,46	20	32.7	33
Espanha	46077	9,88	23	32.0	35
Total	165376	100,00	-	-	-

FONTE: População (UNDP, 2010); IDH (UNDP, 2011); I.Gini, PIB (CIA, 2010)

Em 2010 a diversidade das unidades políticas consideradas está patente nos seus níveis de desenvolvimento económico e social (**Tabela 1**), embora 63% da população do Mediterrâneo possua padrões de vida confortáveis em contexto mundial, figurando 16 estados no escalão superior do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). As posições menos vantajosas, embora correspondam a níveis de desenvolvimento médio, pertencem à Argélia, Egipto, Síria e Marrocos. Esta mesma hierarquia e posições relativas são confirmadas pelos resultados do Produto Interno Bruto (PIB) *per capita*, pese embora a existência de alguns desfasamentos entre as posições ocupadas pela Albânia, o Montenegro e a Bósnia e Herzegovina, quando cruzamos os dois indicadores. Por seu turno, os moldes de distribuição interna dos rendimentos não reflecte situações preocupantes, a julgar pelos resultados do Índice de Gini.

¹ Saldo Natural resulta da diferença entre volumes ou taxas de nascimentos e óbitos por ano ou em determinado período temporal.

A vantagem que os países da margem norte apresentam com base nesta descrição é esbatida quando olhamos os indicadores de crescimento demográfico futuro, que, a confirmar-se, poderão obrigar a novas lógicas de aliança entre as duas margens e com outras áreas geopolíticas e geoeconómicas. Mas será que existe um Mediterrâneo estruturado em duas margens?

Do passado aos cenários prospectivos: um Mediterrâneo a duas velocidades?

Até meados do século XXI prevê-se um aumento de 28% da população na bacia Mediterrânica, marcado por assimetrias só parcialmente explicadas pelo “mosaico étnico”² (UNDP, 2011; LUTZ, 2008). A norte estima-se uma ligeira subida do número total de efectivos (com 7 excepções), o que não evita a sua perda de importância relativa nas próximas décadas (ESPON, 2009: 15). Se na Europa do Sul a imigração, constituída em muitos casos por indivíduos oriundos ou descendentes da margem sul, compensa a redução progressiva dos saldos naturais, a situação é menos favorável na Europa dos Balcãs. Até 2050 a Croácia e a Bósnia e Herzegovina poderão perder 13 e 20% dos actuais residentes, como resultado da convergência dos padrões de comportamento demográfico dos grupos étnicos que as compõem (FARON, O., GEORGE, P., 1999: 631). Na margem Sul todos os espaços registam subidas muito positivas, podendo ultrapassar 50% na Síria, na Líbia e no Egipto (Tabela 2).

A importância relativa do conjunto africano e do asiático no contexto mediterrânico sobe quase 45% até 2050, com vantagem para o primeiro. A Europa, que hoje representa 41% do total de residentes perde a liderança, ao descer para 34 pontos percentuais até meados do século. Os estados do Norte de África contarão então 41% do total de efectivos. Os maiores acréscimos deverão ocorrer na Síria (uma variação positiva de 80%), secundada pelo Egipto e a Líbia, que registarão aumentos da ordem dos 50%.

Tabela 2. População actual e projectada: volumes e variações (2010, 2050)

Países	2010		2050		Tx Variação %
	População milhares	%	População milhares	%	
África do Norte	165376	35,73	244256	41,02	47,7
Marrocos	31951	6,84	42583	7,15	33,3
Argélia	35468	7,48	49610	8,33	39,9
Tunísia	10481	2,19	12711	2,13	21,3
Líbia	6355	1,38	9819	1,65	54,5
Egipto	81121	17,84	129533	21,75	59,7
Ásia Ocidental	105913	23,37	151157	25,38	42,7
Israel	7418	1,54	10649	1,79	43,6
Líbano	4228	0,90	5033	0,85	19,0
Chipre	1104	0,19	1175	0,20	6,4
Síria	20411	4,75	36911	6,20	80,8
Turquia	72752	15,99	97389	16,36	33,9
Europa	195254	40,90	200054	33,60	2,5
Grécia	11359	2,36	10939	1,84	-3,7
Albânia	3204	0,67	3303	0,55	3,1
Montenegro	631	0,13	618	0,10	-2,1
Bósnia e Herzegovina	3760	0,79	3008	0,51	-20,0
Croácia	4403	0,93	3825	0,64	-13,1

² O peso da comunidade muçulmana explica as diferenças que encontramos entre as dinâmicas de aumento populacional da Eslováquia e da Bósnia ou da Croácia e do Montenegro. (FARON, GEORGE, 1999: 592 e segs).

Eslovénia	2030	0,43	1954	0,33	-3,7
Itália	60551	12,69	57066	9,58	-5,8
Malta	417	0,09	413	0,07	-1,0
Mónaco	35	0,01	na	na	
França	62787	13,23	67668	11,36	7,8
Espanha	46077	9,57	51260	8,61	11,2
Total	466543	100	595467	100	27,6

FONTE: Elaboração própria, com base nos cenários médios das NU (UNDP, 2010).

*As NU não efectuam estimativas para populações inferiores a 100 mil efectivos.

A análise conjunta dos ritmos de crescimento anual médio registado em cada um dos 21 países entre 1950 e 2050 sugere dois reparos: (a) falamos de entidades políticas com passado e presente distintos; (b) projecta-se um futuro marcado por movimentos de aproximação dos comportamentos colectivos de fecundidade e mortalidade (Tabela 3). Os valores de crescimento médio real (até 2010) reflectem as diferentes cronologias a que obedece a transição para a modernidade demográfica das entidades políticas consideradas.

Na realidade, um século atrás os níveis de fecundidade e mortalidade eram elevados, mesmo na margem norte. A Europa do Sul continuou até muito tarde a ser considerada o “berçário da Europa”, embora a vitalidade do seu crescimento fosse esbatida pelos efeitos negativos da emigração extracontinental e mais tarde para os países do norte. O “atraso” no processo de transformação de comportamentos em relação à maioria dos restantes países europeus é recuperado nas décadas de 70 e 80 e o ciclo de vida curto e instável deu lugar no último quartel do século XX a um ciclo de vida longo e estável³.

Tabela 3. Dinâmicas longas. Crescimento anual médio (%): 1950-2050

Países	1950-2000	2005-2010	2020-2025	2045-2050
África do Norte				
Marrocos	2,37	1,20	0,90	0,25
Argélia	2,53	1,51	1,08	0,36
Tunísia	1,99	0,98	0,74	0,09
Líbia	3,35	2,00	1,12	0,55
Egipto	2,39	1,81	1,24	0,55
Ásia Ocidental				
Israel	3,20	1,70	1,08	0,54
Líbano	1,94	0,83	0,64	0,03
Chipre	0,94	1,02	0,88	0,50
Síria	3,13	3,26	1,54	0,71
Turquia	2,28	1,24	0,82	0,20
Europa				
Grécia	0,74	0,22	-0,02	-0,20
Albânia	1,87	0,37	0,34	-0,29
Montenegro	1,01	0,03	0,07	-0,19
Bósnia e Herzegovina	0,66	-0,12	-0,38	-0,92
Croácia	0,31	-0,15	-0,30	-0,46
Eslovénia	0,60	0,24	-0,03	-0,22

³ No primeiro caso lidamos com populações jovens em termos etários, com descendências médias elevadas e saldos naturais positivos, apesar dos níveis da mortalidade serem elevados em todas as idades, sobretudo entre os mais jovens e mais idosos. A esperança média de vida à nascença é baixa, embora com tendência de subida à medida que avançamos no tempo. No segundo caso deparamo-nos com a situação típica de países que já passaram por todas as fases de transição e atingem uma nova fase de estabilidade dos indicadores. Os saldos naturais voltam a ser moderados, mas natalidade e mortalidade estabilizam a níveis mínimos, inéditos na história da Humanidade (RODRIGUES, 2009a).

Itália	0,42	0,49	-0,13	-0,28
Malta	0,44	0,37	0,17	-0,19
Mónaco	0,64	0,28	0,64	0,33
França	0,69	0,53	0,26	0,00
Espanha	0,73	1,02	0,29	0,05

FONTE: 1975-2000 - UNPD, 2009: Anexos; 2005-2050 - UNPD, 2010: 16-20.

A diferença entre 1950-2000 e 2005-2010 é significativa, embora minorada nos casos de Espanha, França e Itália, porque os saldos positivos da imigração conseguiram contrabalançar a redução ou inversão do saldo natural. Até final da centúria, a maioria dos Estados africanos e asiáticos aumentou em média 2 a 3% ao ano, embora a partir do início do século as descidas fossem notórias, excepção feita à Síria. Espera-se uma gradual uniformização das dinâmicas demográficas de todas as populações mediterrânicas, fruto da vulgarização progressiva de novos estilos de vida. As amplitudes entre ritmos máximos e mínimos de crescimento anual médio irão reduzir-se e existirá um número cada vez maior de locais em estabilização ou retrocesso populacional (2 entre 2005-10, 5 em 2020-25, 8 em 2045-50). Em meados do século XXI a Síria (0.70%) continuará a liderar, seguida pelo Egipto, Líbia, Israel e Chipre, que continuarão a aumentar anualmente 0,5%.

A desaceleração das taxas de crescimento anual médio em todos os países tem duas razões: a) diminuição dos saldos naturais, porque os níveis de fecundidade descem mais rápido que os da mortalidade, apesar do impacto positivo induzido pela expectável melhoria dos indicadores locais de desenvolvimento económico e bem-estar social; b) em alguns casos, sobretudo nos limites sul e oeste, aumento da pressão emigratória, que ajuda a reduzir a subida do volume de efectivos. Interessa saber que países e sub-regiões tirarão maiores vantagens da previsível melhoria dos níveis de mortalidade, ligados a uma gradual subida das condições gerais de saúde, reflectida também em novas estratégias familiares e padrões de fecundidade.

Os ritmos de crescimento das populações humanas resultam da junção entre saldos naturais e migratórios. No relativo ao saldo natural e ao modo como este explica parte das assimetrias observadas na região mediterrânica apresentam-se na **Tabela 4** três indicadores de fecundidade e mortalidade e respectiva variação entre 1975 e 2050: o Índice Sintético de Fecundidade (ISF) ou número médio de filhos por mulher, a Taxa de Mortalidade Infantil (TMI) e a Esperança média de Vida à Nascimento (e0). Por nos reportarmos a cenários prospectivos, os resultados são influenciados por duas opções de partida, que decorrem da convergência gradual dos níveis de fecundidade e da melhoria tendencial, embora lenta da mortalidade, pelo que devem ser lidos com cautela.

No caso da fecundidade a nossa análise permite destacar: (1) variações negativas generalizadas, à excepção do caso atípico francês⁴; (2) as maiores reduções ocorrem no norte de África, em países que partem de valores elevados⁵; (3) em 1975 a faixa europeia está em plena transição do modelo e deixa de garantir a renovação geracional, tendo na Albânia o último “bastião” de fecundidade. No futuro prevê-se o contínuo esbater das diferenças em todo o espaço. O número de nascimentos continuará a regredir em todos os países da margem sul, mas poderá registar ligeiras inversões, na sequência dos incentivos à natalidade e fecundidade, em alguns casos, como em França, já com algum sucesso.

Tabela 4. Principais Indicadores de Fecundidade e Mortalidade (1975-2050)

Países	Fecundidade (ISF)					Mortalidade (TMI)			Mortalidade (e0)		
	1975-80	2005-10	2045-50	Var.1975-2010	Var.2010-2050	2005-10	2045-50	Var.2010-2050	2005-10	2045-50	Var.2010-2050
África do Norte											
Marrocos	5,90	2,38	1,85	-59,7	-22,3	37,50	10,30	-72,5	71,2	78,6	10,4
Argélia	7,18	2,38	1,85	-66,9	-22,3	37,40	11,10	-70,3	72,3	79,0	9,3

⁴ O primeiro a beneficiar com políticas de família ajustadas ao perfil étnico e social da sua população residente.

⁵ Na Argélia e Líbia atingem em 1975-80 os 7 filhos por mulher. A Síria possui médias idênticas, mas o processo de mudança será mais tardio.

Tunísia	5,69	1,86	1,85	-67,3	-0,5	22,50	8,30	-63,1	73,9	79,8	8,0
Líbia	7,38	2,72	1,85	-63,1	-32,0	20,90	8,70	-58,4	74,0	80,1	8,2
Egipto	5,66	2,89	1,92	-48,9	-33,6	39,50	10,70	-72,9	70,0	77,7	11,0
Ásia Ocidental											
Israel	3,41	2,81	1,90	-17,6	-32,4	5,10	3,40	-33,3	80,7	85,4	5,8
Líbano	4,31	1,86	1,85	-56,8	-0,5	25,20	8,80	-65,1	72,0	78,7	9,3
Chipre	2,29	1,52	1,85	-33,6	21,7	5,80	3,40	-41,4	79,7	83,8	5,1
Síria	7,47	3,29	1,85	-56,0	-43,8	18,60	7,60	-59,1	74,1	80,0	8,0
Turquia	4,72	2,13	1,85	-54,9	-13,1	31,40	9,70	-69,1	71,8	78,5	9,3
Europa											
Grécia	2,32	1,38	1,76	-40,5	27,5	4,00	2,70	-32,5	79,2	84,2	6,3
Albânia	4,20	1,87	1,85	-55,5	-1,1	18,30	8,00	-56,3	76,5	81,6	6,7
Montenegro	2,37	1,64	1,85	-30,8	12,8	11,60	4,90	-57,8	74,0	79,8	7,8
Bósnia e Herzegovina	2,24	1,21	1,59	-46,0	31,4	14,00	6,30	-55,0	75,1	80,2	6,8
Croácia	2,02	1,42	1,84	-29,7	29,6	6,90	3,80	-44,9	76,2	81,6	7,1
Eslovénia	2,20	1,36	1,82	-38,2	33,8	4,10	3,10	-24,4	78,4	83,3	6,2
Itália	1,94	1,38	1,74	-28,9	26,1	4,20	3,10	-26,2	81,2	85,4	5,2
Malta	2,02	1,26	1,64	-37,6	30,2	6,90	4,10	-40,6	79,7	84,2	5,6
França	1,86	1,89	1,85	1,6	-2,1	4,20	3,00	-28,6	81,2	86,0	5,9
Espanha	2,57	1,43	1,85	-44,4	29,4	4,10	3,00	-26,8	80,9	85,5	5,7

FONTE: 1975-2000 (UNPD, 2009); 2005-2050 (UNPD, 2010)

As mudanças na mortalidade são também significativas, causadas por melhorias no acesso a cuidados de saúde dos menos favorecidos. De destacar que: (1) as grandes assimetrias observadas nos níveis actuais da TMI contrastam com as previsões de futuro; (2) existem em todas as sub-regiões casos de excepção, embora em alguns casos possam ser atribuídos a deficiências estatísticas⁶. As mudanças previstas testemunham a progressiva vantagem da vida sobre a morte e traduzem-se em ganhos expressivos nos países onde é actualmente mais modesta. No Egipto, Marrocos, Argélia, Líban e Turquia ultrapassa 9%. Em 2010 todos os nascidos nos 21 países podem esperar viver em média entre 70 e 81 anos; em 2050 entre 78 e 86 anos (UNDP, 2009).

As relativas certezas quanto aos volumes e indicadores de movimento natural contrastam com as incertezas quanto ao presente e futuro das migrações, o que não é uma originalidade regional, dada a reconhecida “volatilidade” da variável, embora o Mediterrâneo seja uma área geoestratégica única, espaço de trocas e choques culturais, de cooperação económica e exploração (JOSEPH, 2006:1). Este facto explica a diversidade e também a complexidade dos movimentos migratórios: mobilidade no sentido Sul Norte (Magrebe Europa), Sul Sul (da Líbia para a Tunísia e Egipto e dos países do Magrebe e Egipto para o Golfo Pérsico) e Este Oeste (dos Balcãs e Turquia para a Europa Ocidental); movimentos intra e intercontinentais, migrações legais e irregulares. A importância que assumem as migrações na região mediterrânica e no jogo dos equilíbrios entre Estados remete-a para primeiro plano da cena política (RODRIGUES, FERREIRA, 2011).

⁶ Designadamente em África (Tunísia e Líbia), na Ásia (Israel e Chipre) e na Europa (Albânia, Montenegro e Bósnia).

Tabela 5. Saldos migratórios, em milhares (1990-2050)

Países	SALDOS MIGRATÓRIOS (em milhares)					
	1990-1999	2000-2009	2010-2019	2020-2029	2030-2039	2040-2049
África do Norte						
Argélia	-190,0	-280,0	-280,0	-180,0	-160,0	-160,0
Egipto	-1316,5	-717,7	-481,4	-531,4	-531,4	-531,4
Libia	-40,6	-40,6	-330,1	-20,3	-10,2	-10,2
Marrocos	-950,0	-1289,0	-928,3	-628,0	-540,9	-540,0
Tunisia	-98,9	-100,6	-40,0	-40,0	-40,0	-40,0
Ásia Ocidental						
Israel	702,3	376,6	95,0	70,0	70,0	70,0
Líbano	230,0	87,5	-32,5	-40,0	-40,0	-40,0
Chipre	96,5	106,0	65,0	50,0	35,0	15,0
Síria	-200,0	492,4	-251,2	-98,5	-98,3	-99,1
Turquia	-350,0	-150,0	-35,0	-5,0	0,0	0,0
Europa						
Grécia	770,0	346,5	308,0	308,0	308,0	308,0
Albânia	-693,5	-120,1	-100,0	-100,0	-100,0	-100,0
Montenegro	-21,1	-23,1	-2,5	0,0	0,0	0,0
Bósnia e Herzegovina	-743,2	51,8	-10,0	-10,0	-10,0	-10,0
Croácia	-7,3	-2,9	20,0	20,0	20,0	20,0
Eslovénia	61,9	44,5	44,0	44,0	44,0	44,0
Itália	377,9	3852,6	1740,2	1330,1	1335,2	1335,2
Malta	8,4	13,6	10,0	10,0	10,0	10,0
Mónaco						
França	310,7	1265,8	997,8	939,8	948,7	951,1
Espanha	1115,3	5079,2	2001,5	1660,7	1427,4	1414,9

FONTE: UNDP, 2010

Neste ponto se retoma a questão da dicotomia entre as margens norte e sul (Tabela 5). Na primeira as migrações constituem a chave do crescimento demográfico, tendo aumentado a partir dos anos 90 a pressão migratória na faixa litoral. Nos próximos anos os países do sul europeu irão registar dois tipos de migração: a) a intra-europeia, composta sobretudo por idosos e explicada pelas boas condições climáticas; b) a extra europeia, de população adulta em idade activa. Na margem sul do Mediterrâneo, mau grado a desaceleração dos ritmos médios de crescimento, o volume de habitantes aumentará de modo assimétrico, privilegiando os centros urbanos, receptores de migrações internas rurais e de cidadãos provenientes de países mais a sul. Este facto terá possíveis impactos negativos na qualidade de vida desses núcleos e sabemos que a discrepância entre expectativas e realidades em contextos de forte concentração populacional pode potenciar focos de insegurança e instabilidade. No entanto, esse aspecto pode ser mitigado ou resolvido caso se encontrem respostas adequadas em termos socioeconómicos. Mas nem todo o norte é atractivo e nem todos os que saem do sul se dirigem à margem norte. A proximidade geográfica, a afinidade linguística e cultural e o grau de permeabilidade⁷ são factores com um peso determinante no futuro regional (FARON, GEORGE, 1999 : 352-353). Trata-se de um sistema complexo e ainda que o saldo migratório continue a permitir definir países de emigração e de imigração existem cada vez mais caso que asseguram três funções em simultâneo:

⁷ É conhecido o peso da clandestinidade e as dificuldades de controlo das migrações (UN, 2009).

emigração⁸, imigração⁹ e trânsito. Numa perspectiva de tempo longo a grande maioria dos Estados envolvidos mantém as suas lógicas de comportamento migratório, como se infere dos saldos estimados entre 1950 e actualidade, se exceptuarmos as oscilações na região da Ásia Ocidental, envolvendo o Líbano e Chipre. Do total estimado de 214 milhões de migrantes internacionais em 2010 (IOM, 2010) os países do Mediterrâneo Sul e Oriental eram responsáveis por 12 a 13 milhões, cerca de dois terços dos quais residiam na EU e 21,4% noutros países árabes do Golfo, na Líbia e em outros Estados do Mediterrâneo Sul e Oriental (FARGUES, 2009) Assistimos neste início de século a um aumento do número de imigrantes provenientes do Norte de África.

Os desafios de futuro

Nas próximas décadas o espaço mediterrânico continuará a apresentar modelos de comportamento colectivo diferenciado, de que resultam dinâmicas de aumento populacional diverso. Essa diversidade, embora menor que a actual continuará a dividir as margens norte e sul do *Mare Nostrum* e é também explicada pela composição étnico religiosa e linguística, de que decorrem diferentes comportamentos face à fecundidade e mortalidade.

O futuro previsto para os saldos migratórios nos países em estudo assenta no princípio de que os perfis associados a cada estado se vão manter e que os estados do Norte de África e da Ásia Ocidental são predominantemente de saída e os Europeus de entrada. Embora os volumes esperados variem de forma proporcional à dimensão das unidades consideradas, são muito positivos em 4 países da EU, embora tendam a reduzir-se, sobretudo no caso italiano e espanhol, onde se esperam descidas para metade e um terço, respectivamente. Egipto e Marrocos apresentam saldos migratórios muito negativos, embora no último caso em redução. A bacia do Mediterrâneo é uma região de tensões geopolíticas, de que a “Primavera Árabe” constitui prova. O agudizar dessas tensões fomenta o intensificar do volume de migrantes ilegais no sentido Sul Norte e também Sul Sul.

Mais que os saldos e os volumes humanos envolvidos, o problema que urge resolver prende-se com a sua correcta gestão, essencial para garantir a estabilidade regional. Esta deverá centrar-se na contenção dos fluxos, na sua administração e em rentabilizar os efeitos positivos. Ela permitirá a) solucionar o excesso de mão-de-obra nos países da margem Sul; e b) combater os efeitos do envelhecimento demográfico da população, acompanhado pela inevitável redução do número de adultos em idade activa nos países da margem Norte. Esta gestão deve ser abordada numa óptica multidimensional, considerando valores como governança, cooperação, segurança humana e estabilidade política e social, entre outros, os quais são indispensáveis para garantir a estabilidade e segurança regional.

De que modo os cenários previstos interferem com a questão que colocámos no início sobre as relações entre dinâmica demográfica e segurança no Mediterrâneo? Este estudo tentou salientar a importância geopolítica que assume o factor demográfico nos equilíbrios actuais e de futuro entre os 21 Estados independentes cujos litorais confluem para o Mediterrâneo, designadamente em termos de ajustamento perante as transformações expectáveis nas dinâmicas de crescimento nas próximas décadas.

Mas os volumes populacionais precisam de contexto e são insuficientes para fomentarem de *per si* mudanças políticas e riscos de segurança. Não existe uma relação única entre variáveis demográficas e questões de segurança. Deste modo, a forma proactiva de enfrentar os desafios e tirar vantagens das possibilidades geradas pelo vector demográfico exige uma abordagem compreensiva e exige também respostas políticas de largo espectro num tempo de média duração e no pressuposto de que as dinâmicas populacionais podem criar situações de insegurança, mas também as respostas. As implicações de segurança que decorrem das tendências demográficas nos países mediterrânicos vão depender da capacidade política, especialmente das suas instituições, governos e líderes, para lidarem com os desafios e gerirem oportunidades.

⁸ Emigração: “The act of departing or exiting from one State with a view to settle in another. International human rights norms provide that all persons should be free to leave any country, including their own, and that only in very limited circumstances may States impose restrictions on the individual's right to leave its territory.” (IOM, 2004: 21).

⁹ Imigração: “A process by which non-nationals move into a country for the purpose of settlement.” (IOM, 2004: 31).

Bibliografia

- AURABELL, Gemma, ARAGALL, Xavier (2001) “As migrações na região euro-mediterrânica: orientações e tendências” (Disponível em: <http://iemed.academia.edu/XavierAragall/Papers/364557> acedido a 25 de Junho de 2011)
- BARATA, Óscar Soares (2003) *Demografia e Sistema Internacional*, ISCSP-UTL, Lisboa
- CIA (2010) *The World Factbook 2010* (<https://www.cia.gov/library/publications/the-worldfactbook/fields/2195.html>)
- CORREIA, Pedro de PEZARAT (2010) *Manual de Geopolítica e Geoestratégia*, Almedina, Coimbra, I
- DÜVEL, F. (2008) “Migrants and Refugees on the Fringes of Europe: Transit Migration, Mixed Flows and New Policy Challenges” *Metropolis World Bulletin* Vol. 8
- ESPON (2009) *Territorial dynamics in Europe: Trends in population development*, ESPON 2013 Programme, Comissão Europeia, Bruxelas (Disponível em: http://www.espon.eu/mmp/online/website/content/programme/1455/2175/2176/2177/index_EN.html acedido em 13 Julho 2009)
- FARGUES, Phillippe (2009) “Mediterranean Migration 2008-2009 Report” (Disponível em: http://cadmus.eui.eu/bitstream/handle/1814/11861/CARIM%20Migration_Report%2020082009%20revised%20Oct09.pdf?sequence=3 Acedido a 15 de Junho de 2011)
- FARON, O., GEORGE, P. (1999) “Les migrations européennes de la Grande Guerre à nos Jours », in *Histoire des Populations de l'Europe* (Bardet, J-P, Dupâquier, J., dir.), Fayard, Paris, III: 355-356.
- FRONTEX (2010) *Fran Quarterly Issue 3, July-September* (Disponível em: http://www.frontex.europa.eu/situation_at_the_external_border/page2.html acedido em 01 Junho 2011).
- GOLDSTONE Jack A. (2009) «DEMOGRAPHY AND SECURITY: Security Implications of Global Population Changes, 2008-2050», George Mason University, School of Public Policy, Research Paper nº07
- IOM (2004) “*International Migration Law – Glossary on Migration*” Geneva: IOM (Disponível em: http://www.iom.int/jahia/webdav/site/myjahiasite/shared/shared/mainsite/published_docs/serial_publications/Glossary_eng.pdf acedido em 1 Junho 2011).
- IOM (2010) “*World Migration Report 2010 – The Future of Migration: Building capacities for change*”, Genebra
- JOSEPH, J. S. (2006) “The Barcelona Process and the Search for Political Stability and Security in the Mediterranean – Context, Objectives and Achievements”, in PRAUSSELLO, F. (ed.) “*Sustainable Development and Adjustment in the Mediterranean Countries following the EU enlargement*”, Milão
- LEAL, Ana (2008) *Riscos de Instabilidade no Magrebe e Segurança Energética em Portugal*, Doutoramento em Relações Internacionais, FCSH-UNL, Lisboa
- LUTZ, Wolfgang, MAMOLO, M., SCHERBOV, S. (2008) “Probabilistic Population Projections for the 27 EU Member States Based on Eurostat Assumptions”, *European Demographic Research Papers*, EUROSTAT (Disponível em: http://www.oecw.ac.at/vid/download/edrp_2_08.pdf acedido em 24 Outubro 2010)
- MED.2010 (2010), «El Mediterráneo en cifras», *Anuario IEMed. DEL MEDITERRÁNEO* (Disponível em: <http://www.iemed.org/anuari/2010/esumari.php> acedido a 2 de Novembro de 2011)
- MONTENEGRO, José Alfredo Monteiro (2006) *A Contenção do Terrorismo Transnacional e a Segurança no Mediterrâneo*, EMD nº12, Curso de Promoção a Oficial General 2005/2006, IESM – MDN, Lisboa (policopiado)
- RODRIGUES, Teresa (2009a) “Introdução”, *A População Portuguesa. Das longas permanências à conquista da modernidade*, Porto, Afrontamento
- RODRIGUES, Teresa (2009b), “Realidades Demográficas no Mediterrâneo. (I) - Dinâmicas Actuais e Cenários Prospectivos” FLAD/GEEMA – Segurança, Defesa e Geopolítica (*Working Paper*), (Disponível em: <http://www.geema.org/?no=251000100075,001> acedido em 24 Outubro 2011)
- RODRIGUES, Teresa, FERREIRA, Susana de Sousa, “Realidades Demográficas no Mediterrâneo. II – Dinâmicas migratórias e análise a longo prazo das tendências demográficas (1950-2050)” (*Working Paper*), FLAD/GEEMA – Segurança, Defesa e Geopolítica, Julho (Disponível em: <http://www.geema.org/index.htm?no=2510001> acedido em 24 Outubro 2011)

RUSSELL, Sharon S. (2001) *Demography and National Security*, New York-Oxford, Berghahn Books

SCIUBBA, Jennifer Dabbs (2011) *The Future Faces of War. Population and National Security*, Santa Barbara-Denver-Oxford, Praeger

UN (2009) *World Migration Stock. The 2008 revision*, Nova Iorque (Disponível em: <http://esa.un.org/migratiON/index.asp?panel=1> acedido em 24 Outubro 2009).

UNDP (2009) *World Population Prospects. Highlights*, Nova Iorque (Disponível em: http://www.un.org/esa/population/publications/wpp2008/wpp2008_text_tables.pdf acedido em 13 Outubro 2009).

UNDP (2010) *World Population Prospects: The 2010 Revision*, Nova Iorque (Disponível em: <http://esa.un.org/unpp/p2k0data.asp> acedido em 10 Outubro 2011).

UNDP (2011) *Human Development Report, 2011*, Nova Iorque (Disponível em: http://hdr.undp.org/en/media/HDR_2011_PT_Tables.pdf acedido em 10 Novembro 2011).